



# ADOLESCÊNCIA E SOFRIMENTO EMOCIONAL NA ATUALIDADE

LEILA SALOMÃO DE LA PLATA CURY TARDIVO  
(Organizadora)



SÃO PAULO  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA  
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
2018

REALIZAÇÃO  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA USP  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLÍNICA

ADOLESCÊNCIA E SOFRIMENTO EMOCIONAL NA ATUALIDADE

LABORATÓRIO DE SAÚDE MENTAL E PSICOLOGIA CLÍNICA SOCIAL

São  
Paulo

E BOOK (13.: 2018: São Paulo) Leila S P C Tardivo (organizadora). ADOLESCÊNCIA E SOFRIMENTO EMOCIONAL NA ATUALIDADE.- Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018

In, 2018

Inclui bibliografia.

ISBN: **978-85-86736-93-3**

1. Psicologia clínica 2. Psicologia Social 3. Adolescência

4. Clínica I. Título.

RC467

**MULHER CONTEMPORÂNEA COM OPORTUNIDADE DE CONSTRUÇÃO DE  
CARREIRA: CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES**

Bruna Risquoto Batoni

Sueli Regina Gallo-Belluzzo

Tânia Maria Aiello-Vaisberg

Resumo: O presente estudo tem como objetivo contribuir para as discussões sobre a mulher adulta com formação superior que mantém vida profissional ativa na contemporaneidade. Justifica-se pelo aumento do número de mulheres com nível superior de instrução, que ingressa no mundo laboral, não apenas para obter ganhos financeiros, mas, também, em busca de realização pessoal. Esta condição implica o enfrentamento de situações que afetam suas vidas e a de seus familiares, o que, muitas vezes, gera demandas clínicas. Espera-se que este estudo possa fomentar o conhecimento sobre a condição de vida de tal parcela da população feminina, diante das exigências da sociedade contemporânea.

Palavras-chave: mulheres, trabalho feminino, sofrimento social

#### Introdução

A vida afetivo-emocional das mulheres é importante na clínica psicológica, em vertentes psicoprofiláticas e curativas, não apenas quando atendemos pacientes de sexo feminino, mas, também, na ocasião em que recebemos crianças e adolescentes, pois normalmente estão acompanhados por suas mães. Tal fato não causa estranheza, posto que as mães, em geral, são acompanhantes em casos de tratamentos e atividades recreativas e são aquelas que frequentam, habitualmente, as reuniões escolares. Tais situações ocorrem, porque ainda predomina, mesmo quando a mulher encontra-se inserida no mundo laboral, uma divisão de tarefas entre pais e mães, no sentido daqueles dedicarem-se primordialmente ao trabalho, enquanto estas responsabilizam-se mais direta e frequentemente pelas crianças (Zibetti & Pereira, 2010).

Diante de tal constatação, que diz respeito a uma dimensão importante da vida das mulheres, não podemos, porém, esquecer que, nas últimas décadas, aumentou, de forma bastante expressiva, o número de vagas disponíveis no nível superior

brasileiro. Além disso, observou-se o crescimento da população feminina nas universidades, resultando na conquista de um preparo diferencial, gerador de novos efeitos sobre o mundo laboral e a vida social (Ricoldi & Artes, 2016; Gomes, Machado-Taylor, & Saraiva 2018).

É de se esperar que a mulher que completou uma formação acadêmica, o que, evidentemente, exigiu empenho ou esforços pessoais, familiares e sociais, nutra aspirações de carreira que ultrapassam a visão do trabalho como destinado apenas ao suprimento de necessidades financeiras. Assim, a maior presença da mulher na universidade possibilita que sua inserção no mundo laboral deixe de se dar por meio da necessidade de sustento, para ocorrer, também, em termos de busca de realização pessoal e profissional. Esta realidade contribui para que a mulher vivencie conflitos com crenças imaginativas que se mantêm vigentes na sociedade contemporânea (Schulte, Gallo-Belluzzo, & Aiello-Vaisberg, 2016, 2017).

### Discussões Preliminares

A relação entre ser mulher e atender à possibilidade de carreira envolve questões conflitantes, pois, socialmente, espera-se que constituam e assumam uma família (Zanello, 2018). Tal contexto, que se apresenta de modo diverso para homens e mulheres, gera efeitos significativos, colocando as últimas em uma situação de sofrimento, o que é compreensível, porque a vida familiar, habitualmente, onera muito o cotidiano feminino (Schulte, Gallo-Belluzzo, & Aiello-Vaisberg, 2016). Com isso, não queremos dizer que o casamento e a maternidade não sejam emocionalmente gratificantes, mas propomos a consideração de dois tipos de gratificações, as imaturas e as amadurecidas, que dependem de um interjogo entre o potencial individual para o amadurecimento emocional e as condições ambientais (Ambrosio & Aiello-Vaisberg, 2009).

Podemos considerar certas gratificações como imaturas, na medida em que as satisfações decorram principalmente do atendimento submisso ao que é socialmente exigido. Em termos da vida da mulher, tais exigências parecem nuclear-se ao redor de duas grandes áreas, a amorosa e a materna (Zanello, 2018). Contudo, é importante considerar pesquisas que apontam a exigência de realização profissional, especialmente em estratos mais instruídos da população (Schulte, Gallo-Belluzzo, & Aiello-Vaisberg, 2016).

## 16ª JORNADA APOIAR: ADOLESCÊNCIA E SOFRIMENTO EMOCIONAL NA ATUALIDADE

Em contrapartida, não devemos esquecer a importância de gratificações emocionais mais amadurecidas, ligadas às autênticas alegrias, que o constituir família e ter filhos trazem consigo, no plano da sensibilidade humana e do afeto. É clara, para nós, a importância das vinculações familiares e comunitárias, que incluem o prazer de cuidar e o de ser cuidado, bem como alegrias derivadas do acompanhamento de percursos vitais dos mais novos e dos mais velhos, pois concordamos com Bleger (1963/2007) quando aponta que a natureza da pessoa humana é fundamentalmente social. Podemos afirmar que as personalidades humanas não existem, mas coexistem e que as gerações futuras são tão importantes para nós como as passadas (Arendt, 1958/2007).

Granato, Tachibana e Aiello-Vaisberg (2011) advertem que crenças imaginativas, relacionadas à ideia da mãe como a melhor cuidadora do bebê, poderiam servir ao fim de manter a alienação social quanto à responsabilidade dos adultos, de modo geral, pelo cuidado das crianças. Contribuir para que um olhar atento e cuidadoso aos menores não seja atribuição exclusiva da mulher mãe, mas se torne compartilhado por todos os adultos, como ocorre em algumas sociedades (Gottlieb, 2012), faz-se necessário para atender às novas configurações familiares e sociais. Nestas sociedades, não se encontra, certamente, o fenômeno da dupla jornada, tão comum em nossa cultura, que se caracteriza pela dedicação da mulher à profissão e à vida doméstica/familiar. Por outro lado, em nossa sociedade, as mulheres que assumem este tipo de jornada têm maiores propensões a se sentirem culpadas, por não se dedicarem integralmente a seus filhos (Schulte, Gallo-Belluzzo, & Aiello-Vaisberg, 2016).

Em estudo recente, Visintin e Aiello-Vaisberg (2017) concluem que mulheres que se tornaram mães estão impregnadas pelo ideal de que para se sentirem completas, deveriam vivenciar a experiência da maternidade como ápice de felicidade feminina. Estes autores relatam, também, que em nossa sociedade, a mulher aflige-se em decorrência dos imaginários presentes: o primeiro, de que a mulher estaria plenamente realizada caso se tornasse mãe e o segundo, de que a mãe biológica seria a melhor cuidadora da criança e que desempenhar esse papel deveria ser sua missão de vida.

Observamos, assim, que, em nossa sociedade, a mulher sofre pressões variadas, entre as quais se sobressaem aquelas relativas a constituir família, ter filhos e dedicar-se a uma profissão. Aquelas mulheres que se mantêm celibatárias, mas

## 16ª JORNADA APOIAR: ADOLESCÊNCIA E SOFRIMENTO EMOCIONAL NA ATUALIDADE

exercem profissões socialmente reconhecidas, podem vir a sofrer por não terem se casado e tido filhos, considerando devidamente os ambientes imaginários pelos quais possam vir a transitar. Outras que se voltam ao lar, para se ocuparem da educação dos filhos, porém podem padecer pela falta de uma vida profissional significativa. A pessoa que adota uma criança sente-se julgada por sua incapacidade reprodutiva, pois vigora, em nossa sociedade, a crença de que a parentalidade constitui-se de modo genuíno e verdadeiro, apenas a partir do laço biológico. Aquelas que assumem dupla jornada são as que têm maiores propensões a se sentirem culpadas por falhas na criação dos filhos, além de se considerarem sobrecarregadas na vida pessoal e profissional. Assim, podemos afirmar que a mulher, em nossa sociedade, está sujeita a sofrimentos sociais decorrentes de crenças imaginativas vigentes no período contemporâneo (Ferreira-Teixeira, Gallo-Belluzzo, Simões & Aiello-Vaisberg, 2016; Visintin & Aiello-Vaisberg, 2017; Schulte, Gallo-Belluzzo, & Aiello-Vaisberg, 2017; Zanello, 2018).

Uma conquista muito importante foi obtida a partir do reconhecimento constitucional de que homens e mulheres gozam dos mesmos direitos e devem cumprir os mesmos deveres. Essa mudança no plano legal apresenta inquestionável valor, na medida em que pode fortalecer transformações sociais no plano das práticas cotidianas, que, sem dúvida, favorecem o processo de implantação de transformações reais. Corresponde a um esforço inicial, que se dá em um momento específico de um processo concreto, que visa que a igualdade legal se torne uma de fato, dado que habitamos muitos imaginários conservadores com relação às questões de gênero. Evidências simples de desigualdade podem ser rapidamente enunciadas, quando lembramos que hoje a mulher, no Brasil, recebe, em muitas empresas, entre 25% e 50% do salário de seu colega de trabalho homem, com mesmo cargo e com formação acadêmica semelhante (Santos & Oliveira, 2017, Scott, 2012, Zanello, Fiuza, & Costa, 2015).

Esses estudos mostram que a mulher que tem formação universitária defronta-se com o desafio de ter que conciliar atividades e decidir os caminhos de vida a percorrer. Considerando as condições concretas de vida das mulheres na atualidade, podemos afirmar que estas têm suas vidas fortemente impactadas por exigências que geram sofrimentos sociais (Schulte, Gallo-Belluzzo & Aiello-Vaisberg, 2016, 2017).

### Referências Bibliográficas

## 16ª JORNADA APOIAR: ADOLESCÊNCIA E SOFRIMENTO EMOCIONAL NA ATUALIDADE

- Arendt H., (2007). *A Condição Humana*. Rio de Janeiro, Brasil: Forense Universitária. (Original publicado em 1958).
- Bleger, J. (2007). *Psicologia de la conducta*. Buenos Aires: Paidós. (Original publicado em 1963).
- Ferreira-Teixeira, M. C., Gallo-Belluzzo, S. R., Simões, C. H. D., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2016). Sangue do meu sangue: o imaginário de mães adotivas sobre a adoção. In: *VI Congresso Ulapsi*, Buenos Aires.
- Gomes, V., Machado-Taylor, M. L., Saraiva, E. V. (2018). O Ensino Superior No Brasil: breve histórico e caracterização. *Revista Ciência & Trópico*, 42(1), 106-129.
- Gottlieb, A. (2012). *Tudo começa na outra vida. A cultura dos recém-nascidos no oeste da África*. São Paulo: Editora Fap-Unifesp.
- Granato, T. M. M., Tachibana, M., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2011). Narrativas interativas na investigação do imaginário coletivo de enfermeiras obstétricas sobre o cuidado materno. *Psicologia & Sociedade*, 23(spe), 81-89. Doi: 10.1590/S0102-71822011000400011
- Ricoldi, A., & Artes, A. (2016). Mulheres no ensino superior brasileiro: espaço garantido e novos desafios. *Ex Aequo*, (33), 149-161.
- Santos, S. S. & Oliveira, L. P. S. (2017). O Direito Ao Desenvolvimento Como Uma Ferramenta Na Promoção Da Igualdade Entre Gêneros No Mercado De Trabalho. *Revista de Gênero, Sexualidade e Direito. (Maranhão)* 3(2), 43 – 61. Doi:10.26668/2525-9849/Index\_Law\_Journals/2017.v3i2.2322
- Scott, A.S. (2012) O caleidoscópio dos arranjos familiares IN: Pinsky, C.B. & Pedro, J.M. *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto.
- Schulte, A.A., Gallo-Belluzzo, S.R., & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2016). Experiência emocional sobre a maternidade veiculada em blogs brasileiros: Considerações iniciais. In Tardivo, L.S.L.P.C. (org.) *Anais da XIV Jornada Apoiar - Saúde mental e interdisciplinaridade: Propostas e pesquisas*, São Paulo: IP/USP, 235-245.
- Schulte, A.A., Gallo-Belluzzo, S.R., & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2017) Mãe brasileira trabalhando no exterior: considerações preliminares. In Tardivo, L.S.L.P.C. (org). *O procedimento de desenhos-histórias na clínica e na pesquisa: 45 anos de percurso* (e-book), São Paulo: IP/USP, 286-305.

## 16ª JORNADA APOIAR: ADOLESCÊNCIA E SOFRIMENTO EMOCIONAL NA ATUALIDADE

- Visintin, C., & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2017) Maternidade e sofrimento social em mommy blogs brasileiros. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, 19(2), 98-107. [doi:10.5935/1980-6906/psicologia.v19n2p98-107](https://doi.org/10.5935/1980-6906/psicologia.v19n2p98-107).
- Zanello, V., Fiuza, G., & Costa, H. (2015). Saúde mental e gênero: facetas gendradas do sofrimento psíquico. *Fractal: Revista de Psicologia*, 27(3), 238-246. doi:10.1590/1984-0292/1483
- Zanello, V. (2018). *Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação*. Curitiba: Appris.
- Zibetti, M. L. T., & Pereira, S. R. (2010). Mulheres e professoras: repercussões da dupla jornada nas condições de vida e no trabalho docente. *Educar em Revista, (spe2)*, 259-276. Doi:10.1590/S0104-40602010000500016